

**Este material foi testado com as seguintes questões de acessibilidade:**

- PDF lido por meio do software *NVDA* (leitor de tela para cegos e pessoas com baixa visão);
- Guia da *British Dyslexia Association* para criar o conteúdo seguindo padrões como escolha da fonte, tamanho e entrelinha, bem como o estilo de parágrafo e cor;
- As questões cromáticas testadas no site *CONTRAST CHECKER* (<https://contrastchecker.com/>) para contraste com fontes abaixo e acima de 18pts, para luminosidade e compatibilidade de cor junto a cor de fundo e teste de legibilidade para pessoas daltônicas.

# A casa: espaço político de domesticação e resistência dos corpos femininos

*The house: political space of domestication and resistance of female bodies*

*La casa: espacio político de domesticación y resistencia de los cuerpos femeninos*



**Danielle Gouveia Fernandes**

Universidade de Porto (UP), Porto, Douro Litoral, Portugal,  
[danigfernandes@hotmail.com](mailto:danigfernandes@hotmail.com)



**Francisca Rosália Silva Menezes**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB),  
Redenção, Ceará, Brasil, [mariarososa@unilab.edu.br](mailto:mariarososa@unilab.edu.br)

**Resumo:** Este artigo, escrito no contexto da pandemia, que teve início em 2019, traz a casa como espaço político de disciplinamento e resistência, palco de lutas feministas. À luz do que nos traz Federici (2019), no que diz respeito a sua importância como suporte do sistema econômico capitalista; Pellegrin (1999), ao nos chamar a atenção para os registros históricos da divisão do trabalho dos trabalhos de agulha com fundamento no gênero; e Vicente (2012), no campo da arte diante da construção do discurso de uma arte feminina como uma arte doméstica, produzida no contexto do lar. Essas discussões são trazidas para o momento presente em que as mulheres, e não só, voltam-se para o espaço doméstico nos dando a oportunidade de questionar como nos localizamos historicamente diante das lutas feministas no que diz respeito aos cuidados domésticos. A volta da casa como espaço do trabalho, como

lugar de criação artística e mesmo como um privilégio nos dias atuais.

**Palavras-chave:** Feminismo; casa; domesticidade; pandemia; trabalho doméstico.

**Abstract:** This paper, written in the context of the pandemic, which began in 2019, brings the house as a political space of disciplining and resistance, a stage for feminist struggles. In the light of what Federici (2019) brings us, with regard to its importance as a support of the capitalist economic system; Pellegrin (1999), in drawing our attention to the historical records of the gender-based division of labor in needlework; and Vicente (2012), in the field of art in the face of the construction of the discourse of a feminine art as a domestic art, produced in the context of the home. These discussions are brought to the present moment in which women, and not only, turn to the domestic space, giving us the opportunity to question how we are historically located in the face of feminist struggles regarding domestic care. The house as a work space, as a place of artistic creation and even as a privilege nowadays.

**Keywords:** Feminism. home; domesticity; pandemic; domestic work.

**Resumen:** Este artículo, escrito en el contexto de la pandemia, iniciada en 2019, trae la casa como espacio político de disciplinamiento y resistencia, escenario de luchas feministas. A la luz de lo que nos trae Federici (2019), en cuanto a su importancia como soporte del sistema económico capitalista; Pellegrin (1999), al llamar nuestra atención sobre los registros históricos de la división del trabajo en la costura en función del género; y Vicente (2012), en el campo del arte frente a la construcción del discurso de un arte femenino como arte doméstico, producido en el contexto del hogar. Estas discusiones son traídas al momento presente en que las mujeres, y no solo, recurren

al espacio doméstico, brindándonos la oportunidad de cuestionarnos cómo nos ubicamos históricamente frente a las luchas feministas en torno al cuidado doméstico. El retorno de la casa como espacio de trAbajo, como lugar de creación artística e incluso como privilegio en la actualidad.

**Palabras clave:** Feminismo; hogar; domesticidad; pandemia; trabajo doméstico.

*Data de submissão:* 20/06/2022

*Data de aprovação:* 28/09/2022

## Introdução

Que lugar é este que inspira tantos olhares e experiências nos seus mais variados espectros? A Casa, na sua presença ou ausência, seja habitada por quem for, seja qual for a experiência nela vivida, é palco de disputas feministas históricas. A luta pela visibilidade do trabalho doméstico, pelo direito de ocupar novos territórios econômicos, por se romper o espaço tido como privado quando a integridade física e mental dos que nele vivem é ameaçada, a busca pelo reconhecimento do que no espaço doméstico se produz e se cria são atravessamentos que formam um grande emaranhado de nós em que me vejo enredada quando escolhi um tema, que há muito é banalizado, mas que está longe de ser banal: a Casa.

Este artigo é resultado de inquietações pessoais que reverberam um fluxo de disputas feministas globais históricas. Não obstante, eu estou consciente de que não se trata de uma questão pessoal. No entanto, não tenho como fugir da minha experiência de vida. Sendo assim, é o que me impõe um pedido de vênica pela linguagem também pessoal e um tanto intimista ao empreender este artigo, que apesar da pretensão academicista, não escapa de trazer outras formas discursivas, mesmo que de forma experimental.

Ao fabricar este tecido intelectual, eu estou ciente do desafio em lidar com o tema sem incorrer na tentação do discurso fácil e universalizante de uma mulher branca, cisgênero, heterossexual, ocidental e de classe média, em que lhe foi garantida a casa como um direito ao recolhimento, à privacidade, à proteção e ao

aconchego familiar. Ou seja, não tenho como escapar a essa realidade, mas sei que a mim não é garantido o salvo conduto da normalização da minha própria experiência. Entretanto, o privilégio de ter um habitat seguro, no contexto de isolamento social em tempos pandêmicos, não me protegeu de invasões mentais quase nunca respeitadas.

Os compromissos inerentes ao desenvolvimento de uma investigação em nível de doutoramento, a busca por soluções financeiras, que garantissem o suprimento básico da família, as questões de adaptações físicas e legais, além disso, a vivência em um país estrangeiro, enquanto assiste a sua moeda derreter diante da grave crise econômica mundial são questões suficientes para tomar o tempo e a atenção de qualquer ser. Ocorre que, junto a isso, ao sentar a secretária disposta a lidar com todas essas questões, o bloqueio torna-se inevitável quando ouve os inúmeros chamados do espectro doméstico que pulsa, que vive, que tem um barulho próprio e muitas das vezes ensurdecedor.

No contexto descrito, foi inevitável invocar Woolf (2013), quando nos traz o relato de uma mulher docilizada e domesticada que se impunha entre ela e o trabalho que realizava. O que mais me deixou impressionada foi o fato da leitura do texto *Profissões para mulheres e outros artigos feministas*, texto lido na Sociedade Nacional de Auxílio às Mulheres. Sendo que, 90 anos separa a autora de mim. Destaco que, a altura em que tratou do tema, ela já antevia ser a sua experiência um tanto ultrapassada.

Era ela que costumava aparecer entre mim e o papel enquanto eu fazia as resenhas. Era ela que me incomodava, tomava meu tempo e me atormentava tanto que no fim matei essa mulher. Vocês, que são de uma geração mais jovem e mais feliz, talvez não tenham ouvido falar dela – talvez não saibam o que quero dizer com o Anjo do Lar. Vou tentar resumir. Ela era extremamente simpática. Imensamente encantadora. Totalmente altruísta. Excelente nas difíceis artes do convívio familiar (WOOLF, 2013, p. 4).

Outro fator a se considerar é o privilégio de ter, no meu cotidiano, um companheiro de jornada que assume todas as suas responsabilidades, inclusive as domésticas. As questões pessoais, que trago para este artigo, são de grande relevância para compreender o quão sorrateiro e autodisciplinador é o discurso que se introjeta nos nossos corpos. Assim como, ele atua inclusive no meu contexto, que assumo e compreendo ser privilegiado, mesmo que, por vezes, não me seja confortável. Dessa forma, foi inevitável voltar o meu olhar para as paredes ao redor e perceber as tantas camadas nelas subjacentes, construídas ao longo do tempo e por múltiplos fatores.

Saliento, ainda, que trazer a minha experiência traz junto o cuidado de não atribuir a ela um contexto único no sentido da experiência e do discurso de um possível sujeito universal. Incorrendo no que alerta Spivak (2010, p. 46-47) como a possibilidade de nós, enquanto investigadores, sermos cúmplices do que ela descreve como “persistente constituição do Outro como sombra do Eu (self)”.

Nesse sentido, destaco meu intuito em dar voz ao que por mim foi vivido para partilhar as experiências e os caminhos percorridos pelas palavras que se seguem. A mim é impossível, neste contexto, dar voz a outrem que não a mim mesma, no entanto não me impede de contribuir para problematizar questões basilares aos direitos das mulheres, que transversalizam inúmeros saberes ao longo da história. Assim como, me colocar como corpo em experiência, inserida em uma espiral de construção e desconstrução da minha compreensão política e da minha própria expressividade cuja base fundante é constituída pelos trabalhos de agulha.

## **Espectros Feministas em Tempos Pandêmicos**

Quanto de vida está impregnada no espaço doméstico, na produção, na criação, no cuidado, nas disputas e nas lutas? Quais os seus signos e discursos subjacentes? Como esse espaço é o lugar de domesticação e subalternização feminina, mas também de insurgência? Qual o meu lugar nessa grande teia?

Para melhor compreender essas questões, é inevitável percorrer a teoria foucaultiana, especialmente no que diz respeito ao disciplinamento dos corpos e suas insurgências. Para além, mesmo sabendo caminhar em terreno minado, tendo em vista as inúmeras críticas de investigadoras feministas, entre as quais destaco Silvia Federici (FEDERICI, 2017) quando, entre outras, invoca críticas que advogam o fato de Foucault ter bebido da fonte das teorias feministas



sem as reconhecer em sua construção teórica no que diz respeito à sexualidade, omitindo-se sobre a diferenciação sexual. Outro aspecto relevante da crítica feminista é a compreensão de que não se pode escrever do ponto de vista de um sujeito universal e assexuado. Entretanto, tais críticas não nos impedem de ir além, na busca por melhor compreender este intrincado puzzle que se forma quando enveredamos por esses temas.

Em princípio, é inevitável compreender como determinados momentos históricos foram cruciais para a construção do discurso da domesticidade feminina. Assim como, a fabricação de um ser feminino que, longe de constituir-se algo simplesmente individual e privado, é parte fundante do sistema capitalista de poder. O qual é refundado e tem seus discursos atualizados ao longo do tempo sob a mesma base exploratória.

[...] na sociedade capitalista, o corpo é para as mulheres o que a fábrica é para os homens trabalhadores assalariados: o principal terreno de sua exploração e resistência, na mesma medida em que o corpo feminino foi apropriado pelo Estado e pelos homens, forçado a funcionar como um meio para a reprodução e a acumulação de trabalho. Neste sentido, é bem merecida a importância que adquiriu o corpo, em todos os seus aspectos – maternidade, parto, sexualidade –, tanto dentro da teoria feminista quanto na história das mulheres (FEDERICI, 2017, p. 34).

Ao voltar o nosso olhar para a Casa, com lentes de aumento em período de isolamento social, é impossível olhar apenas para a face do corpo emancipado pelas lutas feministas, que nos abriram as portas do mercado de trabalho fora do espaço doméstico.

Mesmo sob a aura da emancipação, na medida em que as tarefas historicamente atribuídas ao feminino passaram a ser delegadas a outras mulheres em troca de salário, o discurso do atributo natural feminino para o trabalho doméstico continua atual. No entanto, como indica Silvia Federici(2019), é importante reconhecer que essa emancipação também implica o controle mais direto do Estado sobre nós seja um Estado social, seja privacionista. No qual as atribuições do cuidado adquirem características de um forte mercado de consumo.

Nesse sentido, o contexto de isolamento social revela que terceirizar as atividades domésticas e do cuidado não se mostrou capaz de mover as estruturas patriarcais historicamente construídas. Hoje, as mulheres mantêm-se enredadas nas mesmas teias disciplinares que se tornaram mais visíveis ao ser retirado todo sistema de suporte doméstico no período de pandemia.

Para além de um viés vitimista, que se possa aqui revelar, trazemos algumas pesquisas relevantes desse período. Apesar do necessário aprofundamento e distanciamento histórico para melhor se perceber, não nos impede de considerá-las como forma de contribuir para a problematização do tema.

Uma pesquisa realizada no Brasil pela *Gênero e Número*, organização cujo grande contributo tem sido trazer dados que

contribuam para o debate sobre os direitos da mulher, em parceria com a SOF *Sempreviva Organização Feminista*, aponta que a pandemia nos trouxe o que denomina de “profunda crise do cuidado”, na qual não se pode deixar de considerar questões de gênero, sociais e étnicas (BIANCONI *et al.*, 2020). Nesse ensejo, a pesquisa traz dados alarmantes, entre os quais destaca-se, o que diz respeito à sobreposição do trabalho em teletrabalho remunerado e doméstico não remunerado. Em especial com um perfil de mulheres brancas, urbanas e com nível superior, como resultado da não possibilidade de usufruir do serviço doméstico assalariado. A pesquisa também destaca o aumento da necessidade de monitoramento e companhia, sendo essas, atividades que vão além das questões práticas da vida cotidiana, ou seja, uma maior atenção aos aspectos sutis do cuidado.

Em diálogo com a pesquisa realizada pelo *Centre for Addiction and Mental Health* (2020) da Universidade de Toronto, Canadá, que aponta níveis altos a moderados de ansiedade em 24% dos participantes, com destaque para aqueles que têm filhos em idade inferior a 18 anos, cuja ansiedade é ainda mais elevada. Outro fator que se destaca, é o fato de as mulheres apresentarem níveis mais altos no que diz respeito ao sentimento de solidão.

Assim, compreendemos que o período de isolamento social tem descortinado questões relevantes para o movimento feminista quanto à igualdade de gênero. Nesse caso, ao nos revelar o quanto as atribuições relativas ao cuidado ainda são desiguais, quanto ao fato de que o avanço das mulheres no mercado de trabalho ainda mantém a sombra do trabalho

reprodutivo, independente da capacidade financeira das famílias em trocar esse trabalho por salário ou de usufruir dos serviços estatais disponíveis.

O contexto atual mostra o quão urgente é analisar as formas de disciplinamento feminino cujos meios ainda são os atributos historicamente construídos de uma dita natureza feminina inata do cuidado, revestida de uma amorosidade da qual não se espera nada em troca. Esse discurso, para além de útil, traz consigo a baliza do afeto que é diretamente proporcional ao cumprimento da tarefa, que humanamente é impossível de se cumprir em sua totalidade. Logo, recheada de culpa, nutrindo o terreno ideal para o disciplinamento que adquire características de autodisciplinamento.

Entendemos como disciplinamento o conceito trazido por Foucault (1987), que ao discorrer sobre o tema, coloca-nos diante do binômio docilidade-utilidade como base da disciplina, sendo o corpo tão mais útil quanto dócil. Assim, no caso das mulheres, o sentimento de amor legítimo é transmutado em trabalho doméstico e o gerenciamento da culpa feminina mantém a reprodução deste trabalho.

O autor considera o fato das disciplinas serem usadas de variadas formas ao longo do tempo, mas aponta que apenas por volta dos séculos XVII e XVIII tornaram-se formas gerais de dominação. Esse período é de particular importância na medida em que está inserido na primeira fase do capitalismo. Esse sistema não inaugurou a exploração do trabalho feminino, mas o cooptou, tornando-o ainda mais útil a produzir trabalhadores e manter na invisibilidade esse trabalho extremamente relevante

para a sua manutenção. É diante desse ponto de partida, que Federici (2019) nos aponta que, ao mover essa rígida estrutura, abalamos todo o sistema.

Nesse contexto, a fim de abalar o sistema, é fundamental que possamos compreender como o mito da feminilidade aliada ao cuidado e à domesticidade foi construído ao longo do tempo, bem como o seu reflexo ao conferir ao trabalho realizado nesse contexto por mulheres o atributo do amadorismo. Até os dias atuais, Esse discurso mostra-se profundamente útil ao sistema como forma de dominação e de marcar a divisão sexual do trabalho. Além do necessário aprofundamento que o tema requer, destacamos que não temos a pretensão de abordá-lo de forma exaustiva em todas suas facetas, mas apontamos que, como investigadoras, nos atrai em particular, o que diz respeito aos trabalhos de agulha e às práticas artísticas femininas. É do nosso interesse particular investigar como essas atividades foram manejadas no contexto da fabricação do gênero e mesmo da sua diferença.

As citadas atividades encontraram terreno fértil nos conventos, não só no caso da formação de noviças, mas também de formação básica para mulheres da aristocracia e na formação profissional das mulheres do povo. Em princípio, esse fato já nos traz o quanto a fabricação do que vem a ser mulher esteve constantemente sob a baliza da moral e à serviço de uma determinada ordem.

## **Digressões Históricas e a Busca por Compreender a Tessitura de um ser Mulher e da sua domesticidade**

No que diz respeito as práticas artísticas de mulheres, Vicente (2012), ao investigar sobre mulheres artistas dos séculos XVI a XVIII, aponta dois caminhos: o convento ou as oficinas paternas. O que em si restringia, mesmo as filhas de pais mais progressistas, o acesso a uma formação artística livre e diletante. Sendo assim, estabelece uma divisão temática de gênero e define o que se chamaria de “gênero feminino”, em geral, associado ao contexto doméstico ou religioso, ou seja, menor.

Os conventos, mesmo revelando-se espaço de maior liberdade artística feminina, seria também um espaço limitante à criação. Em razão da moldura temática estabelecida, além do isolamento, a consequência é a difícil identificação das freiras-artistas, com exceção para aquelas cuja produção é reconhecida no contexto de santidade.

De acordo com o que se estabelecia como temática apropriada feminina, era incentivada a prática do autorretrato e do retrato de outras mulheres. O que nos acendeu a curiosidade ao pensar que a medida que lhes era vedado o espaço público, era o olhar para si e para outra mulher em campo aberto. Não obstante, o desejo gerado pela fruição dessa imagem.

Possuir um auto-retrato de uma mulher artista significava uma dupla vantagem: por um lado, possuir um quadro pintado por uma mulher, algo raro e, portanto, considerado uma curiosidade, num período em que este era um critério muito relevante do colecionismo; por outro lado, fruir da representação da mulher artista criada por ela própria. Tratava-se de reunir num único objeto a beleza da arte e a beleza da mulher artista, à qual aludiam muitos dos textos renascentistas que a elas referiam (VICENTE, 2012, p. 83).

Esse trecho citado agita inúmeras discussões, ao que nos parece, os “textos renascentistas” não eram escritos por mulheres, mas sim por homens que, ao que poderia parecer um elogio, põem à frente da obra a imagem de quem as produz ao que enuncia de “beleza da mulher artista”. Ter um retrato pintado por uma mulher era algo que instigava a curiosidade de colecionistas. Entretanto, sabemos o que levou a “curiosidade colecionista”, no contexto colonial, que pôs seres humanos em gaiolas. Não vamos nos aprofundar no tema, mas é impossível simplesmente passar ao lado.

Diante do exposto, assim como ocorreria com os trabalhos de agulha, a prática artística realizada por mulheres no meio aristocrático era incentivada como forma de entretenimento útil. No entanto, essa atividade deveria restringir-se ao espaço privado fazendo com que o espaço doméstico se revelasse também estúdio, visto que assim, manteriam com suas funções do lar um movimento sobreposto de tarefas. Essa característica iria aliar-se à construção de um rótulo de amadorismo da mulher-artista. Segundo Vicente, (2012, p. 156) iria afetar

sobremaneira a percepção da arte produzida por mulheres “profissionais”.

Aliada ao contexto histórico de formatação do que se chamaria de “arte feminina”, a divisão sexual dos trabalhos de agulha também nos oferece uma pista de como se constrói uma narrativa que se normaliza ao longo do tempo.

Pellegrin (1999) aponta, em seus estudos historiográficos, como esse discurso foi construído com a criação de um modelo feminino aristocrático dos trabalhos manuais e do apagamento da memória dos trabalhos de agulha remunerados como prática majoritariamente masculina em um determinado recorte no tempo. Para tanto, ao apontar os escassos materiais de pesquisa conservados no que diz respeito ao tema, além do estudo documental, utiliza a iconografia e a literatura cristã. Sendo essas, utilizadas entre os séculos XVI e XVIII como modelo de “bem viver”, que buscava criar o real a partir de um dito ideal.

Sabemos que, historicamente, a educação feminina também foi marcada pela divisão social entre o que se denominava mulheres bem-nascidas e as mulheres do povo. Entretanto, tendo como denominador comum a busca pela formação de uma mulher piedosa e do lar. Por meio de análise da literatura produzida com fins educativos para mulheres no contexto religioso, mas não só, Pellegrin (1999) nos apresenta quão repetido foi o discurso segundo o qual eram vedados a mulher o devaneio e a ociosidade, que, por sua vez, deveriam ser duramente combatidos. Nesse combate, a autora indica que, inicialmente, os trabalhos de agulha foram largamente difundidos não como trabalho remunerado. Não obstante, ter



sido importante fonte de renda para muitas ordens religiosas, mas como meio de preparar as vestes finais com as quais se apresentariam para a eternidade, retirando todo valor pecuniário ao associá-lo a um trabalho da alma. Entretanto, essa não era a única tarefa a ser realizada no que diz respeito às camadas mais populares.

Para as meninas menos afortunadas a educação consistia não só para a da fé católica, mas preparatória para um ofício tido como honesto. Revela-se, historicamente, que o crescimento dessa atividade aos poucos se mostrou incômoda a uma classe masculina estabelecida e protegida pelo Estado no contexto das corporações. Pellerrin (1999) apresenta o contexto histórico francês em que essas regras eram mais rígidas, definidas e legalmente protegidas. No entanto, não nos impede de utilizar esse exemplo como forma de furar a bolha da normalidade discursiva, ajudando a problematizar a questão.

É curioso como, ao longo do século XVIII, as rígidas estruturas sociais e de gêneros vão se movendo, criando um campo amplamente partilhado por homens e mulheres. Inclusive na nomenclatura que a investigadora chama de androgenia da agulha, (PELLEGRIN, 1999, p. 761) na qual os papéis masculinos e femininos rompem uma barreira e partilham do mesmo território. É quando o avanço feminino se torna ainda mais perigoso por impulsionar uma tomada de posição estatal ao que diz respeito aos trabalhos de agulha e uma larga campanha contra os homens “usurpadores” das profissões “genuinamente” femininas.

Esse movimento de Estado, que se deu no final do século XVIII, poderia ter sido compreendido como uma política de apoio ao trabalho feminino, não fossem as fortes limitações impostas à própria atividade ao lhes definir ganho financeiro, território de atuação e, sobretudo, ao que diz respeito à componente moral a ela associada. As mulheres deveriam ser garantidas profissões honestas, a fim de lhes proteger da prostituição. Sendo que, aos homens deveriam ser vedadas atividades praticadas por mulheres sob o risco da sua degradação.

Assim, ao deliberar sobre a divisão sexual dos trabalhos de agulha, o Estado constrói discursos e apoia o trabalho e a fundação de instituições religiosas e laicas, de acordo com suas diretrizes, em disciplinar a vida e os corpos femininos. Bem como, vale destacar, disciplinar também os corpos masculinos com o objetivo de preservar a “virtude pública” (PELLEGRIN, 1999, p. 768). Em alinhamento com o contexto moral da época, as mulheres eram permitidas a atividade laboral de costuras, bordados, rendas e afins. Contudo, mantivessem o recato e se dedicassem ao atendimento doméstico voltado para outras mulheres e suas crianças. Apesar da autora destacar a criação de ateliês femininos, não nos parece que tenham sido em grande número, visto que a atividade laboral feminina, em geral, encontra-se fortemente imbricada com as ocupações domésticas.

O movimento de controle estatal dos trabalhos femininos, como método de disciplinamento dos corpos no fim do século XVIII, encontra eco no que diz respeito as práticas artísticas de mulheres profissionais, que também passam a incomodar o status quo patriarcal na segunda metade do século XIX.

Uma das características mais persistentes na relação das mulheres com as artes ao longo do século XIX foi a canalização da sua criatividade artística para as denominadas artes decorativas ou “menores”. Assim, ao descrever o papel da mulher nas artes decorativas, está-se, por um lado, a valorizar a contribuição feminina para as artes e, ao mesmo tempo, a justificar o seu afastamento das artes consideradas maiores – a pintura e a escultura. Assim, em França, tal como na Grã-Bretanha e noutras nações industrialmente desenvolvidas, as mulheres oitocentistas das classes trabalhadoras foram encorajadas a enveredar pelas denominadas artes decorativas, uma escolha que supunha múltiplas vantagens: por um lado, era uma forma de profissionalizar e de remunerar um tipo de trabalho que tradicionalmente as mulheres já realizavam no interior do espaço doméstico e, outro lado, não ameaçava as noções dominantes de feminilidade (VICENTE, 2012, p.157-158).

A prática trazida pelo trecho ressoa algo muito semelhante ao que ocorre com os trabalhos domésticos assalariados. Sob o argumento de que, ao sair do contexto do próprio lar e trocar a sua mão de obra por salário, a mulher passa a ser remunerada por algo que ela já fazia, nesse caso, revestindo-se de uma forma de libertação ou mais valia. Dessa forma, evidencia como o

discurso se atualiza e ronda toda a atividade feminina, até os tempos atuais.

Importante salientar que, no que diz respeito às práticas artísticas realizadas por mulheres, a questão socioeconômica acrescenta ou diminui fatores menos ou mais relevantes no trajeto de reconhecimento da arte produzida, mas retorna para o mesmo ponto de partida. Para as mulheres da classe trabalhadora, sua arte era encaminhada para o que se definia como artes menores e as mulheres burguesas eram encorajadas a desenvolver sua arte no ambiente doméstico. De acordo com Vicente, (2012, p. 160) as primeiras eram privadas da valorização do seu trabalho por não produzir objetos únicos e originais, já as segundas tinham no seu trabalho o rótulo do amadorismo. De uma forma ou de outra, estavam alheias ao mercado da arte, nesse caso, majoritariamente masculino.

Diferente do que ocorreu com a feminização dos trabalhos de agulha, cujo avanço feminino numa prática majoritariamente masculina teve por consequência o movimento estatal de delimitação dessa prática. Para além, apagamento histórico do papel do homem, como forma de controle e disciplinamento, no campo das artes. A “invasão” feminina gera, como forma de disciplinamento, a masculinização das mulheres artistas, logo de sua prática e de sua arte.

O gênio tinha gênero e ele masculino. Partindo desta premissa, as raras exceções femininas que, de alguma forma, o demonstraram fizeram-no porque a sua natureza era masculina. Assim, a masculinização daquelas mulheres cuja qualidade artística era considerada evidente foi um dos caminhos escolhidos para reafirmar a impossibilidade da genialidade artística feminina. Aquelas mulheres que o demonstravam simplesmente não eram femininas, não eram “mulheres” (VICENTE, 2012, p. 169).

A masculinidade, ao passo que poderia ser um elogio, era uma ameaça às mulheres que se dispunham a ir além do espaço privado representando a sua arte e o seu percurso nos círculos profissionais. Assim, percebemos como mais uma vez o discurso moralizante é claramente manejado de forma a constranger, limitar e oprimir. Além de criar uma oposição entre o espaço feminino doméstico casto e o espaço público pervertido.

Esses exemplos nos põem a refletir como todos esses conceitos ligados ao gênero foram ações deliberadas de Estados a bem de uma determinada ordem. Sendo assim, nos coloca a refletir o quanto esses discursos ainda nos rondam e estão introjetados em nós com outras formas e sabores.

Na atualidade, em contexto pandêmico, o espaço público passa a ser um espaço de alto risco, não só para as mulheres. Nesse contexto, não me interessa discutir a eficácia e legalidade dos isolamentos sociais. Mas as sombras que ainda estão por detrás dos armários e que, ao voltar para casa e fechar a porta em busca da proteção, voltam a me rondar de forma sorrateira, apresentando-se vestida de normalidade.

## Conclusão Possível

Talvez, o passado continue a nos morder os calcanhares. Os avanços políticos da pauta feminista que discute a necessária visibilidade dos trabalhos domésticos e o respectivo reconhecimento do importante papel que desempenha nas engrenagens capitalistas são inquestionáveis. No entanto, após constantes isolamentos, idas e vindas no movimento fora e dentro de casa, hoje nos vemos diante do que sempre esteve a nos espreitar.

O isolamento social e a volta para casa sem o aparato montado para que a mulher desfrute do mercado de trabalho nos trazem a potência de descortinar o que sempre habitou as nossas casas. Estudo realizado, ainda no ano de 2018, intitulado *Mulheres em Portugal, hoje: quem são, o que pensam e como se sentem*, coordenado por Laura Signer e Alex Morell, revela que as mulheres suportam mais que o triplo de trabalho doméstico que seus companheiros, situação que não difere muito quando a mulher participa de forma mais simétrica nas despesas domésticas. (SIGNER; MORELL, 2019, p. 34) Vale ressaltar que o estudo realiza investigação com mulheres heteronormativas, o que não nos permite ter uma visão mais global do tema, mas nos ajuda, em um dado recorte, a compreender que a denominada crise do cuidado não foi inaugurada nestes tempos pandêmicos, mas descortinada.

Percebemos, assim, que o discurso construído, historicamente, do dom natural feminino ao cuidado ainda governa os nossos corpos e amortece a nossa potência de lutas e disputas. Essa potência é sublimada ao passo que somos enredadas pelo sistema estatal do cuidado, que passa a gerir essas atividades. Não obstante, o sistema econômico dos trabalhadores assalariados quando trocamos a força de trabalho doméstico por salário.

A crise do cuidado, que se instala no contexto de isolamento social e o descortinamento da realidade atual da desigualdade dos trabalhos domésticos, apresenta um terreno vivo de lutas a se avançar. Este período, que pode parecer de recuo, na verdade agita-se fértil e potencialmente transformador, ao nos permitir sair da letargia de um sonhado ponto final de lutas feministas. O que de fato nos garantiram ocupar não só os espaços sociais múltiplos, mas também o nosso corpo de forma múltipla.

Ao longo deste período, perturbador em vários níveis, o mental, o físico e o espiritual, muitos de nós voltamos os vetores da vontade para os aspectos sensíveis criativos como forma de problematização, expressão, comunicação e interação, dentro ou fora do nosso contexto doméstico. A Casa volta a ser alimentada de inventividade e disputas e o nosso corpo, muitas vezes em situações limite, acessa outras camadas e experiências na relação consigo, com o outro e com esse espaço.

## **A casa: espaço político de domesticação e resistência dos corpos femininos**

Danielle Gouveia Fernandes • Francisca Rosália Silva Menezes

Ainda não temos distância histórica suficiente para percebermos se sairemos deste palco melhores ou piores. Após a volta de uma possível normalidade, o quanto voltaremos ao amortecimento, mas sei que vamos em um fluxo vivo nesta realidade frágil e imprevisível, que se reinventa, cresce e amplia-se por todos os lados.



## Referências Bibliográficas

BIANCONI, G. *ET AL.* **SEM PARAR: O TRABALHO E A VIDA DAS MULHERES NA PANDEMIA.** RIO DE JANEIRO: GÊNERO E NÚMERO; SÃO PAULO: SOF SEMPREVIVA ORGANIZAÇÃO FEMINISTA, 2020. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://BIT.LY/2MTQQ9K](https://bit.ly/2MTQQ9K). ACESSO EM: 12 FEV. 2021.

CENTRE FOR ADDICTION AND MENTAL HEALTH. **ANXIETY PATTERNS IN CANADIANS MIRROR PROGRESSION OF PANDEMIC.** TORONTO, CANADÁ: UNIVERSITY OF TORONTO, 2020. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://WWW.CAMH.CA/EN/CAMH-NEWS-AND-STORIES/ANXIETY-PATTERNS-IN-CANADIANS-MIRROR-PROGRESSION-OF-PANDEMIC](https://www.camh.ca/en/camh-news-and-stories/anxiety-patterns-in-canadians-mirror-progression-of-pandemic). ACESSO EM: 12 FEV. 2021.

FEDERICI, SILVIA. **CALIBÃ E A BRUXA: MULHERES, CORPO E ACUMULAÇÃO PRIMITIVA.** TRADUÇÃO DO COLETIVO SYCORAX. SÃO PAULO: ELEFANTE, 2017.

FEDERICI, SILVIA. **O PONTO ZERO DA REVOLUÇÃO: TRABALHO DOMÉSTICO, REPRODUÇÃO E LUTA FEMINISTA.** TRADUÇÃO DO COLETIVO SYCORAX. SÃO PAULO: ELEFANTE, 2019.

FOUCAULT, MICHEL. **VIGIAR E PUNIR: HISTÓRIA DA VIOLÊNCIA NAS PRISÕES.** TRADUÇÃO DE RAQUEL RAMALHETE. 27. ED. PETRÓPOLIS: VOZES, 1987.

PELLEGRIN, NICOLE. LES VERTUS DE "L'OUVRAGE": RECHERCHES SUR LA FÉMINISATION DES TRAVAUX D'AIGUILLE (XVI<sup>E</sup>-XVIII<sup>E</sup> SIÈCLES). **REVUE D'HISTOIRE MODERNE ET CONTEMPORAINE**, FRANÇA, V. 46, N. 4, P. 747-769, OUT./DEZ. 1999.

SIGNER, LAURA; MORELL, ALEX (COORD.). **AS MULHERES EM PORTUGAL, HOJE: QUEM SÃO, O QUE PENSAM E COMO SE SENTEM.** PORTUGAL: FUNDAÇÃO FRANCISCO MANUEL DOS SANTOS, 2019. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://WWW.FFMS.PT/FILEDOWNLOAD/93F8264B-1D43-4C87-AAD1-D7881D6ECEC9/RESUMO-DO-ESTUDO-AS-MULHERES-EM-PORTUGAL-HOJE](https://www.ffms.pt/filedownload/93f8264b-1d43-4c87-aad1-d7881d6ecec9/resumo-do-estudo-as-mulheres-em-portugal-hoje). ACESSO EM: 12 FEV. 2021.

SPIVAK, GAYATRI CHAKRAVORTY. **PODE O SUBALTERNO FALAR?** BELO HORIZONTE: UFMG, 2010.

VICENTE, FILIPA LOWNDES. **A ARTE SEM HISTÓRIA: MULHERES E A CULTURA ARTÍSTICA (SÉCULOS XVI – XX).** LISBOA: BABEL, 2012.

WOOLF, VIRGÍNIA. **PROFISSÕES PARA MULHERES E OUTROS ARTIGOS FEMINISTAS.** TRADUÇÃO DE DENISE BOTTMANM. PORTO ALEGRE: L&PM, 2013.